

Biografias



Clara Zetkin



Rosa Luxemburgo



Alexandra Kolontai



Nadezhda Krupskaya

Despertar a fúria revolucionária da mulher!

Proletário de todos os países, uni-vos!

Biografias

Rosa Luxemburgo

Clara Zetkin

Nadezhda Konstantinovna Krupskaya

Alexandra M. Kolontai

Edições Seara Vermelha

Sumário:

Rosa Luxemburgo (1871 -- 1919).....	07
Nascida sob a autocracia czarista.....	07
A luta ideológica entre os marxistas poloneses.....	08
Mudança para a Alemanha.....	10
A Batalha contra o revisionismo.....	11
A Revolução 1905.....	13
A discussão sobre o partido.....	14
O imperialismo e a acumulação do capital.....	15
A ruptura com Kautsky.....	17
Renasce Espártacos.....	20
A Fundação do Partido Comunista da Alemanha.....	22
A águia do proletariado internacional.....	24
Clara Zetkin (1857-1933).....	27
Nadezhda Konstantinovna Krupskaya (1869 - 1939).....	31
Alexandra M. Kolontai (1872 – 1952).....	33
A bolchevique apaixonada.....	39

Rosa Luxemburgo (1871 – 1919)

Nascia sob a autocracia czarista

De origem judia, esta lutadora proletária nasceu no dia 5 de março de 1871 em Zamosc, cidade próxima a Lublín, na Polônia oriental, então submetida ao Império Czarista. Era a filha caçula em uma família de cinco irmãos, a quem uma lesão mal tratada deixou uma seqüela permanente nos quadris.

Ainda que Zamosc era muito pobre e os judeus constituíam o último escalão na hierarquia social, o avô de Rosa Luxemburgo havia fundado um prospero negócio de madeiras e pôde pagar os estudos de seus filhos nos melhores institutos de Berlim. Sua família se desenvolveu em um ambiente muito culto, influenciado pelos mais avançados escritores ocidentais, especialmente alemães. Muito próximo a eles era o poeta sefardita León Pérez, agitador contra o czarismo e defensor do nacionalismo polaco. A Polônia lutava por sobreviver repartida e dividida por duas grandes nações, a Alemanha e a Rússia, ainda que em meio de uma opressão asfixiante podia beneficiar-se também de sua proximidade a duas civilizações tão distintas e tão frutíferas. Esse crisol de influências determinou o aberto conteúdo internacionalista que caracterizava a obra de Rosa Luxemburgo.

Quando tinha três anos sua família se mudou para Varsóvia. No colégio estava proibido falar polonês, ainda que clandestinamente os jovens falavam como forma de protestar contra o intento de russificação que tratava de desenvolver o czarismo. A escola era um ninho de agitação contra o absolutismo. Quando terminou seus estudos negaram-lhe a medalha de ouro, mesmo que todas suas qualificações fossem extraordinárias, devido a sua atividade clandestina.

Em 1887 Rosa Luxemburgo, que só contava então com 16 anos, já era militante do Partido Revolucionário Socialista *Proletariat* e se relacionava com os círculos operários mais conscientes. Naquela época

Proletariat havia sido praticamente desmantelado. O czarismo havia assassinado aos dirigentes operários e grande parte dos quadros da organização se encontrava nas prisões ou deportados. Só grupos muito pequenos de conspiradores seguiam mantendo a chama da resistência. Formado em 1882, *Proletariat* tinha vínculos estreitos com os populistas russos e naqueles dias, fruto da dispersão, começou a executar ações armadas desesperadamente. Porém diferente dos populistas que Lenin analisou em seus primeiros escritos, *Proletariat* estava claramente influenciado pelo marxismo.

Porém rapidamente o movimento operário começou a ressurgir dos escombros do terror czarista e em 1889 se criou o sindicato *Federação dos Trabalhadores Poloneses*, na que interveio Rosa Luxemburgo. Uma greve convocada em Lodz acabou com um horripilante massacre de 46 operários assassinados pela guarda czarista, um dos piores da história. A perseguição política chegou a Rosa Luxemburgo, que em 1889 teve que abandonar seu país e cruzar a fronteira clandestinamente.

Refugiu-se em Zurich, então um ferredouro revolucionário de todas as latitudes. Ali estudou Filosofia, Ciências Naturais, Matemática, História, Política e Economia, e conheceu a Plekhanov, Axelrod, Vera Zasulich, Parvus e outros marxistas russos, alemães e poloneses. Porém sobre tudo, conheceu León Jogiches, como ela também marxista, judeu e polonês, que seria seu companheiro para o resto de seus dias, influenciando-se reciprocamente.

A luta ideológica entre os marxistas poloneses

Jogiches dispunha de uma fortuna considerável que colocou à disposição de Axelrod e Plekhanov de forma que eles pudessem desenvolver o Partido Socialdemocrata Russo, embora acabasse rompendo logo com eles. Então Luxemburgo e Jogiches dedicaram-se em reagrupar às forças revolucionárias polonesas, e com *Proletariat*, a *Federação de Trabalhadores Poloneses* e dois grupos divididos do PPS (Partido Socialista de Polônês) eles criaram uma organização nova com as mesmas siglas (Partido Socialista da Polônia) que em 1893 começou a publicar em Paris *Sprawa Robotnicza (A Causa Operária)*. O informe do novo Partido à II Internacional foi redigido por ela.

Este informe já demonstra uma extraordinária clarividência

política ao traçar a linha política do Partido que deveria escapar tanto do blanquismo como do reformismo. Punha acento na luta de massas e na necessidade de educá-las no combate através da organização sindical e das reivindicações democráticas. Apenas com 22 anos Rosa Luxemburgo já demonstrava uma capacidade extraordinária de análise e um precoce instinto revolucionário.

Porém, as teses que já sustentava sobre a questão das nacionalidades oprimidas e o direito da autodeterminação, estavam longe de estarem corretas. Na aquela época este problema era tremendamente complexo, e mais ainda na Polônia, um país que não só estava ocupado, mas que sua independência enfrentava três formidáveis inimigos, a Alemanha, a Rússia e o Império Austro-húngaro que tinham repartido o país entre eles. Rosa Luxemburgo nunca defendeu um princípio único e universal para resolver este problema, mas recorria sempre a soluções táticas e variáveis em função de cada caso concreto. Só Lenin desenvolveu depois acertadamente o princípio de autodeterminação que, com a entrada na fase imperialista do capitalismo, adquiria uma importância transcendental. Não deixa de ser significativo que Lenin, participante de uma nação opressora, analisara muito melhor que Luxemburgo, originária de uma nação oprimida. O internacionalismo da grande revolucionária polonesa a levou neste ponto a cometer um importante erro estratégico, subestimando a energia nacionalista de amplas camadas populares da Polônia. Contudo, até mesmo nos erros Rosa Luxemburgo demonstrava uma grande capacidade de análise e de aplicação criadora do Marxismo que não se limitava a repetir frases feitas e que extraiu do Marxismo toda sua energia revolucionária.

A união dentro do Partido Socialista não durou muito. Instalados no exílio em Paris em 1892, os dirigentes de *Proletariat* retificaram e promoveram a consigna da independência da Polônia. Desatou-se uma feroz luta ideológica (porém por parte de seus adversários carregada de desqualificações) que chegou até o Congresso de Zurique da II Internacional onde Plekhanov (e com ele Engels) votaram a favor da independência da Polônia, contra as teses de Luxemburgo.

Produziu-se a cisão, Luxemburgo criando o novo SDKP (Partido Socialdemocrata polonês), oposto à independência da Polônia. Todas as calúnias e as sujas intenções do PPS para expulsar o Partido Socialdemocrata de Luxemburgo da Internacional falharam, e o novo partido obteve certo êxito no Congresso de Londres de 1896 ao ganhar

uma votação contra a independência e a favor da autodeterminação.

Enquanto tudo isso aconteceu no exílio, dentro da Polônia a situação era muito diferente, com o movimento operário paralisado e alheio àquelas discussões. As organizações estavam desmanteladas e foi entre aqueles que se esforçavam por fortalecer o novo Partido Socialdemocrata que destacou-se uma das grandes figuras do movimento comunista internacional, Félix Dzherzinski que conseguiu agrupar os marxistas lituanos com os poloneses em um só partido que adotou a sigla SDKPL.

Mudança para a Alemanha

Naquele tempo começou a colaborar em *Neue Zeit*, o influente jornal dirigido por Kautsky, no qual seus artigos chamaram a atenção de toda socialdemocracia pela profundidade, a riqueza de dados e a agudez na exposição, embora nunca fosse reconhecida pelos dirigentes do PPS que continuaram lançando acusações infames contra ela. Mas tudo isso não impediu que com seus artigos alcançassem um enorme prestígio internacional que a levou a visitar França durante vários meses, nos quais tivera a oportunidade de conhecer Jules Guesde, e Vaillant o herói da Comunidade de Paris.

Resolveu instalar-se na Alemanha que então era o coração do movimento de operário internacional e onde radicava uma parte importante do proletariado polonês. Em maio de 1898 residia em Berlim e casou-se por conveniência com um alemão para mudar seu passaporte russo pelo prussiano e poder assim desenvolver atividades políticas (proibida aos estrangeiros) e não correr o risco de ser extraditada ao seu país.

Foi enviada a Silésia pelo SPD (Partido Socialdemocrata alemão) para fazer agitação entre os mineiros poloneses, e então pôde comprovar-se outra das grandes qualidades de Luxemburgo: a oratória, a capacidade de transmitir e chegar às massas operárias com uma mensagem clara e cheia de entusiasmo revolucionário. Os operários das minas levavam-lhe flores e a pediam que não fosse embora e ficasse com eles, ajudando-os nas lutas. Ganhou a simpatia do máximo dirigente da II Internacional, Karl Kautsky com cuja família manteve uma amizade íntima, como também de outras figuras revolucionárias da época, como Franz Mehring e August Bebel, como também com Clara Zetkin, que iniciou as primeiras análises marxista sobre a situação da mulher trabalhadora.

Por sua tripla condição de mulher, judia e estrangeira, os problemas a perseguiam dentro de um partido que já então era o mais numeroso e organizado no mundo, embora não completamente unido. Teve numerosos atritos que fizeram brilhar sua forte personalidade; não era dessas que se calava nem se dobrava ante nenhum santo, por mais fama que tivesse. Em uma ocasião escreveu respondendo aos insultos da redação do influente jornal *Vörrwärts*, com o seguinte: *Existem fundamentalmente dois tipos de seres vivos, os vertebrados que graças a isso podem caminhar, em ocasiões correr, e os Invertebrados, que só podem rastejar e viver como parasitas.* Assim, intenso era seu gênio... Só tinha 27 anos e já se enfrentara a velha guarda socialdemocrata, carregada de medalhas, mas que começavam a dar amostras alarmantes de esclerose política.

Seu estilo incisivo custou-lhe muitas governamentais e inclusive em junho de 1904 foi condenada a vários meses de prisão por *insultos ao rei*.

A batalha contra o revisionismo

Dentro do SPD cresceram e consolidaram-se as tendências reformistas. Para combatê-las Rosa Luxemburgo escreveu em 1899 *Reforma social ou revolução*, um de seus trabalhos fundamentais no qual, paralelamente com Lenin, desenvolve a batalha contra o revisionismo moderno de Bernstein.

As idéias então expostas por Bernstein continuam o ser as mesmas que toda laia de revisionistas e traidores do movimento operário seguem defendendo até nossos dias. Tudo o que hoje em dia ouvimos, já foi formulado um século atrás, e a história o tem refutado. Frente ao parlamentarismo que deslumbrava a socialdemocracia, Rosa Luxemburgo escreve: *É certo que, formalmente, o parlamentarismo serve para dar expressão aos interesses de toda a sociedade dentro da organização estatal. Por outro lado, o único que o parlamento permite manifestar é a sociedade capitalista, quer dizer, uma sociedade na qual os interesses capitalistas são predominantes.*

Por isso este livro é um material obrigatório de leitura e reflexão nas fileiras do movimento operário revolucionário. Não é outra coisa que a defesa da vigência do Marxismo, e nele já estão refutadas as mesmas acusações que hoje se lança contra as idéias comunistas.

Luxemburgo não se opõe às reformas sociais senão rejeita o

argumento de que se pode chegar ao socialismo através da reforma gradual do capitalismo. Rosa Luxemburgo demonstra que a tática revisionista supõe uma aceitação do sistema capitalista: *Quem para transformar a sociedade se decide pelo caminho da reforma legal, em lugar e em oposição à conquista do Poder, não empreende, realmente, um caminho mais fácil, mais seguro, embora mais longo que conduz ao mesmo fim, senão que, com o tempo elege metas diferentes; quer dizer, quer, em vez da criação de uma nova ordem social, simples mudanças, não essenciais, na sociedade já existente. Deste modo, tanto as concepções políticas do revisionismo como de suas teorias econômicas chegamos à uma mesma conclusão: que não tendem, no fundo, a realização da ordem socialista, mas simplesmente para a reforma da ordem capitalista; que não querem o desaparecimento do sistema de salário, senão o mais ou o menos da exploração. Em uma palavra: buscam a diminuição dos excessos capitalistas, porém não a destruição do capitalismo mesmo.*

Contra Bernstein e os revisionistas, que previram um capitalismo organizado, pacífico e planejado, Rosa Luxemburgo anuncia a inevitabilidade das crises econômicas e o grande alcance que elas adquirirão. Considera os revisionistas como herdeiros de Kant, de Proudhon e de Lassalle, na ocasião defende que o desabamento de todo o sistema capitalista é inevitável. Para ela o colapso inevitável do capitalismo é a *pedra angular* da ciência Marxista que pouco a pouco deve ir impondo-se sobre todos os erros utopistas pequeno-burgueses que os precederam. Considera, também que a lei do afundamento inevitável do capitalismo forma parte da tradição teórica da socialdemocracia alemã e que, ao separar-se dela, Bernstein a traiu. A socialdemocracia sempre pensou que o socialismo chegaria com uma *crise geral e aniquiladora*, de que o capitalismo acabaria por *si só e vítima de suas próprias contradições*.

Ademais diferencia bem, as crises iniciais do capitalismo *produto do seu crescimento infantil* das crises de decadência que ainda não chegaram, mas que cabe esperar. Aquelas primeiras crises, Luxemburgo disse, derivam da fase de expansão do capitalismo, enquanto as futuras serão crises de envelhecimento e decrepitude. Esta contribuição brilhante que logo desenvolveria Lenin, aparece pela primeira vez em Luxemburgo.

Os limites do capitalismo estão no mercado: o capitalismo não é capaz de uma expansão ilimitada precisamente por essa falta de saídas à produção, embora chegue a afirmar, o que é bastante discutível, que sob o capitalismo que *a troca domina a produção*.

Luxemburgo trata de fundamentar a inviabilidade do capitalismo como modo de produção, embora levando em consideração contradições que por um lado são puramente objetivas e, por outro, são secundárias e não podem ter essa virtualidade. Põe no mesmo nível a contradição entre a socialização da produção e a apropriação privada, com a contradição entre a produção e o consumo. Critica Bernstein porque define a possibilidade de superação das crises pelo capitalismo, quando de acordo com ela *a eliminação das crises supõe a superação da contradição entre produção e troca*. O capitalismo desaparecerá como consequência da crise de subconsumo. Não haveria nenhuma crise se a produção coincidissem com o mercado, se este tivera uma capacidade de expansão ilimitada.

Também há neste trabalho outras contribuições importantes que também serão desenvolvidas por Lenin, como a negação de que o monopólio pode resultar compatível, como disse Bernstein, com a progressiva democratização: *Como consequência do desenvolvimento da economia mundial e da agudização e generalização da luta competitiva no mercado mundial, o militarismo e a marinha de guerra passaram a ser instrumentos da política mundial para levar a voz cantante tanto na vida interna como na externa dos grandes Estados. E se a política mundial e o militarismo supõem uma tendência ascendente no momento atual, por conseguinte a democracia burguesa mover-se-a em linha descendente.*

A revolução de 1905

A revolução russa de 1905 também foi a revolução polonesa, pois foi onde apareceram seus primeiros brotos. No domingo 22 de janeiro 1905 a guarda czarista atirou contra uma manifestação de 200.000 trabalhadores em São Petersburgo matando a 2.000 deles e ferindo outros muitos. Como consequência disto se produziu um levante geral em todo império que se prolongou até dezembro, participando milhões de operários pela primeira vez na história.

O absolutismo que simultaneamente estava sendo derrotado pelo Japão na guerra, se viu encurralado e mostrou sua vulnerabilidade ante o proletariado. Em outubro foi forçado a ceder, reconhecendo alguns direitos políticos básicos e a convocar eleições.

Como acontece normalmente, a contundência dos fatos resolveu uma discussão interminável no seio da socialdemocracia russa que, constituída como partido (POSDR) em 1898, tinha sido dividido cinco anos depois em

vários grupos, entre eles os bolcheviques e os mencheviques. A revolução demonstrou que Lenin tinha razão: o capitalismo tinha se desenvolvido na Rússia, era necessário desatar uma revolução democrático burguesa contra o czarismo e essa tarefa só a poderia executar o proletariado.

Na Alemanha (e na II Internacional em geral) só Rosa Luxemburgo estava interessada pelas questões russas. Interessava-se pela divisão no POSDR e, estalada a revolução, escreve numerosos artigos e pronuncia conferências diante dos trabalhadores alemães, vivamente interessados pela sorte de seus companheiros de classe, enquanto a burocracia do SPD olhava para os kadetes e o eseristas.

Os artigos e conferências lhe custaram uma condenação por incitação à violência e passa uma temporada na prisão. Quando deixa a prisão compreende que não basta escrever senão que é indispensável a intervenção direta no terreno, pelo que nos finais de dezembro de 1905 muda-se clandestinamente para Varsóvia, ainda em estado de guerra, com as tropas patrulhando as ruas, o comércio fechado, as reuniões proibidas e barricadas fechando todos os acessos.

A 4 de março é detida em Varsóvia junto com León Jogiches embora conseguiu sua liberdade em 28 de junho devido a seu delicado estado de saúde, foi expulsa de Varsóvia. Viajou então para São Petersburgo e logo à Finlândia, onde escreveu sua obra *Greve de massas, partido e sindicatos*, ao calor da experiência da revolução. Em janeiro do ano seguinte a autocracia de czarista condenou Jogiches por *alta traição* a oito anos de trabalhos forçados, embora conseguiu fugir da prisão em abril.

A discussão sobre o partido

A batalha contra o revisionismo dentro do SPD não acabou com a expulsão de Bernstein e outros revisionistas do Partido. Esta é a diferença fundamental com a Rússia e os bolcheviques que não só romperam de palavras, mas nos fatos, criando uma autêntica organização revolucionária.

Na divisão dentro do POSDR, Rosa Luxemburgo ficou equidistante entre os mencheviques e os bolcheviques. Sua concepção era diferente da dos bolcheviques, aos quais criticava o extremo centralismo.

Luxemburgo assimilava a postura bolchevique com a que anteriormente ela tinha criticado no *Proletariat* por blanquista. Este é um dos erros mais graves de seu pensamento, a idéia imprecisa da

organização como processo que está diretamente contrária à tese leninista da necessidade de um partido dirigente, organizado de acordo com os princípios do centralismo democrático.

Esta tese errônea de Luxemburgo, tão difundida hoje em dia, desarma perigosamente à classe operária, até o ponto que a Internacional Comunista foi forçada a dar-lhe batalha outra vez em 1925 para banir esta concepção do seio dos partidos e evitar o espontaneísmo. A revolução russa de 1917 foi possível porque foi dirigida pelo Partido bolchevique, enquanto só alguns meses depois, a revolução alemã de 1919 fracassou porque não existia ali um partido dessas características: *No momento da crise* - Lenin escreveu - *os operários alemães se viram sem um partido verdadeiramente revolucionário devido à demora em fazer a ruptura, devido à maldita tradição da 'unidade' com o bando de lacaios, venal (os Scheidemann, Legien, David e Cia.) e falta de caráter (os Kautsky, Hilferding e Cia.)*.

Era Lenin e não Luxemburgo quem tinha razão também neste ponto: não existe revolução sem uma vanguarda comunista com uma linha política apropriada que se ponha à cabeça da classe operária, que mantenha uma luta ideológica implacável contra os desvios que vão surgir pelo caminho, que preserve a vigilância ideológica no interior mesmo de suas fileiras, que se fortaleça depurando-se dos elementos oportunistas e ao mesmo tempo mantenha-se unido e disciplinado.

Não eram esses os fundamentos da socialdemocracia alemã, ancorada no burocratismo e só preocupada com as recontas eleitorais. No Congresso de 1904 Luxemburgo tinha logrado introduzir, entre fortes rechaços internos, a via da *greve política geral*, mas eram poucos os que estavam dispostos a comprometer-se com ela. Era evidente que o SPD tinha se degenerado no reformismo mais vulgar, porém diferente da Rússia não havia na Alemanha uma alternativa sólida embora Luxemburgo apontasse na boa direção, ainda não tinha rompido com eles e carecia de uma alternativa organizativa adequada.

O imperialismo e a acumulação de capital

Em 1906 o SPD cria uma escola para a formação ideológica dos operários na qual Luxemburgo se encarregará de dar lições de economia. Para isto rediga um esboço, que não se conservou na íntegra e cujos restos foram publicados em forma de livro intitulado *Introdução à Economia*

Política, onde expõe com grande simplicidade os fundamentos que Marx tinha desenvolvido em *O Capital* para que pudessem ser compreendidos pelos quadros do partido e os agitadores sindicais.

Em 1913 se editou seu livro *A acumulação do capital*, seu trabalho teórico mais importante e uma das análises fundamentais do imperialismo moderno que, uma vez mais, suscitou uma viva e violenta reação dos chefes da socialdemocracia alemã, obrigando-a, a defender-se escrevendo, já na prisão, a *Anticrítica*.

O núcleo da argumentação de Luxemburgo parte dos fundamentos que já expusera antes em *Reforma social ou revolução*: o consumo determina a produção; como os capitalistas não consomem a toda mais-valia, esta acumulação gera um subconsumo que não encontra saída porque carece de demanda solvente; este subconsumo só se pode compensar com as vendas no mercado externo, em áreas à margem do capitalismo; então, o capitalismo é um sistema econômico que só pode funcionar se coexiste com regiões não capitalistas, porque a produção não encontra compradores nem entre os operários (já que estes realizam o capital variável) nem entre os capitalistas (já que estes consomem só a parte da mais-valia que não se acumula); são necessárias *outras classes sociais* situadas à margem dessas duas que completem a demanda; uma vez que o capitalismo se expande tanto que não tenha regiões virgens pré-capitalistas nem tampouco *terceiras pessoas* que completem a demanda, acontecerá a derrocada. Então, a causa do colapso é a limitação dos mercados.

Na realidade, Luxemburgo está descrevendo o processo de expansão capitalista, a acumulação originária de capital que é desenvolvida à custa dos modos de produção pré-capitalistas, da ruína da pequena produção agrícola e artesanal. Nela a coexistência desses dois modos de produção não é verificada necessariamente fora das fronteiras, porque é possível a expansão interna, quando existem regiões as quais ainda não chegou o capitalismo. Desde o momento em que esgotam esses mercados pré-capitalistas, Luxemburgo não é capaz de explicar o funcionamento do capitalismo, por que este desmorona irreversivelmente. Por isso sua teoria é, por vez, uma teoria do imperialismo já que não concebe o capitalismo sem essa busca incessante de regiões virgem, sem burgueses nem proletário, que lhe permita sobreviver. As contradições do capitalismo o impulsionam a sair das fronteiras, e até mesmo fora do capitalismo.

Nestas idéias reside a fonte inspiradora das modernas teorias

terceiro-mundistas do imperialismo. O que Luxemburgo *demonstra* é a impossibilidade do capitalismo, não seu desmoronamento. Também é uma posição semelhante às que se deram entre os populistas russos e que Lenin já tinha criticado anos antes. Embora Luxemburgo criticasse expressamente os populistas, incorre em seus mesmos erros: as saídas externas são indispensáveis, como também *outras classes sociais* à margem do proletariado e da burguesia.

Para Luxemburgo é indispensável uma expansão do mercado para prosseguir com a acumulação. Na polêmica de Kautsky contra Tugan-Baranovski e Hilferding que tinham defendido a lei de Say, Luxemburgo reconhece expressamente que sua opinião neste ponto é a mesma da de Kautsky.

Luxemburgo parte de um erro muito comum naquela época entre a socialdemocracia: partir dos esquemas da reprodução capitalista real do Livro II de *O Capital* e tomá-los por um modelo de funcionamento do capitalismo. Mas esses esquemas partem do suposto simplificador que não existe mercado externo, então, não se pode pretender *demonstrar* a partir deles que o mercado externo é indispensável. Por outro lado, em ditos esquemas Marx supõe também que as trocas se produzem por seu valor e que não existem transferências encobertas de valor através dos preços de produção, que não obstante resulta característico do comércio internacional.

Afirma que o capitalismo chegará a falência por duas vias: bem porque a expansão capitalista reduz cada vez mais os setores não capitalistas e, em consequência, impede a acumulação, bem porque sem esperar esse momento, o proletariado se levantará e acabará com o regime do capital. Como afirma muito sabiamente, a luta de classes é *um mero reflexo ideológico da necessidade histórica objetiva do socialismo, que resulta da impossibilidade econômica objetiva do capitalismo ao chegar a certa altura de seu desenvolvimento*.

A ruptura com Kautsky

Em 1910 aconteceu uma grave discussão com Kari Kautsky que recusou a publicar o artigo sobre a greve geral no *Neue Zeit* por censura da direção do SPD. O tema voltou para a ser tabu para os reformistas e inclusive Kautsky, que antes havia elogiado o critério de Luxemburgo, escreveu um artigo em que a critica com desprezo. Outros

jornais socialdemocratas recusaram a publicá-lo. Luxemburgo rompe a relação pessoal e familiar que tinha com a família de Kautsky e, claro que, rompe politicamente com este, definitivamente, abrindo três alas do SPD: a revisionista, a revolucionária e a centrista na qual se instalou definitivamente Kautsky como um renegado do movimento operário.

Nesta polêmica com Kautsky, embora indiretamente, interveio também Lenin que, como já tinha acontecido antes com Plekhanov e Engels, tomou partido contra Rosa Luxemburgo, embora ela não tardasse a dar-se conta de seu erro e retificou publicamente. Luxemburgo foi a primeira dentro do movimento operário a perceber as tortas posições que começava a tomar Kautsky. A traição aberta dos revisionistas já se estava forjando...

A Alemanha começava a entrar abertamente no conflito colonial com as grandes potências no Marrocos, nos Bálcãs e outras regiões do mundo, para o que desatou também o militarismo e o rearmamento de suas tropas. Luxemburgo começou a estudar profundamente as questões militares e a escrever artigos contra uma guerra já previsível com clareza.

A campanha contra ela se acirrou, não só nos meios mais reacionários, mas também nas próprias fileiras do SPD. Quando preparavam desesperadamente uma guerra das mais sanguinolentas da história, Luxemburgo foi apresentada pela imprensa como *a polonesa sanguinária*. Foi aberto um primeiro processo por incitação à insubordinação das tropas. No julgamento deu mostra de coragem e ousadia: não se defendeu senão que começou a acusar ao militarismo alemão. O promotor pediu um ano de prisão e a prisão imediata; a revolucionária lhe insultou dizendo que se o promotor pedisse um ano de prisão que ela escaparia, mas ela não se lançaria a correr: eles poderiam a prendê-la ou fazer com ela o que quisessem porque jamais abandonaria suas convicções.

A condenação levantou uma onda de indignação e suas conferências estiveram mais concorridas do que nunca. Começou-se assim a denúncia do militarismo, o rearmamento e a guerra imperialista.

Publicou outro artigo sobre os maus tratamentos que os oficiais e mandos do exército davam aos soldados, e abriu-se um novo processo por *insultos ao exército*. No julgamento se apresentaram 30.000 parentes de soldados que estavam dispostos a creditar a veracidade dos maus tratos. Desta vez não lhes restou outra coisa que retroceder...

Nas denúncias do militarismo Rosa Luxemburgo encontrou um fiel

aliado, um dos poucos parlamentares do SPD que se uniu estreitamente com ela para sempre na luta: Karl Liebknecht, filho de Guillermo Liebknecht, um dos fundadores da socialdemocracia alemã. Karl Liebknecht era advogado e tinha dirigido a seção juvenil da Internacional. Já em 1906 tinha publicado um livro dedicado à juventude intitulado *Militarismo e antimilitarismo*. No ano seguinte foi condenado a um ano e meio de prisão por *alta traição*, algo que não era conhecido por décadas na Alemanha, o que lhe deu um enorme prestígio. Ao sair da prisão incorporou-se à direção do SPD e foi eleito deputado em 1908.

Havia outro ponto de união fundamental entre Luxemburgo e Liebknecht: o internacionalismo. Karl Liebknecht trabalhou clandestinamente para os bolcheviques da Alemanha e defendeu os prisioneiros políticos russos no famoso *processo Königsberg* que se tornou uma espetacular acusação pública dos bolcheviques contra a autocracia czarista. Movia-se entre os tribunais e mandatos parlamentares e o trabalho clandestino.

Para seu rearmamento, a Alemanha precisou aumentar os orçamentos de guerra no parlamento, no que o SPD não tardou em demonstrar seu colaboracionismo com os militaristas e votou a favor deles. Liebknecht também votou a favor, forçado pela direção do partido.

Evidentemente a situação era intolerável. Lenin tinha se separado a dez anos dos oportunistas, mas os revolucionários alemães continuaram mantendo uma unidade fictícia. A Internacional tinha, de fato, deixado de existir. Que tipo de internacionalismo era esse que chamava aos operários a assassinar os seus companheiros de classe em nome dos apetites coloniais da burguesia? A unidade não se poida mante, era necessário começar a denunciar o próprio SPD e criar uma organização verdadeiramente revolucionária.

Houve uma segunda votação parlamentar sobre o mesmo tema para aumentar os orçamentos militares, e desta vez Liebknecht manteve só com seu voto contrário, de pé no seu banco, todo um símbolo. Mas símbolo de isolamento entre os meios burgueses e bandeira de luta, ao mesmo tempo, nas ruas: havia alguém que estava disposto a enfrentar o chauvinismo feroz e à carnificina.

Em 1914 os dois revolucionários criam a *Frente Revolucionária Antibelicista* e no ano seguinte Luxemburgo começa a edição de uma revista à margem do partido: *A Internacional*. Em torno dela se agrupam os quadrados mais honestos da socialdemocracia, os revolucionários

inquebrantáveis, os militantes fiéis até o final: Clara Zetkin, Karl Liebknecht, Franz Mehring e León Jogiches, entre outros.

Mas a reação proíbe *A Internacional* da qual não se difunde mais que seu primeiro número e quando em 19 de fevereiro de 1915 Rosa Luxemburgo preparava-se para ir a Holanda para participar em uma reunião internacional de mulheres em companhia de Clara Zetkin, é detida uma vez mais.

Na prisão começa a escrever os folhetos *Junius*, criticado por Lenin, como também a *Anticrítica*, uma resposta a quem havia criticado seu livro *A acumulação do capital*. Mas lançou algo à cabeça de um carcereiro e foi submetida a isolamento, incomunicável e novamente condenada por isto. Em julho é detida também Clara Zetkin e, com Liebknecht na frente, o movimento contra a guerra imperialista aparece descabeçado.

Renasce Espártaco

Em janeiro de 1916 o setor antiimperialista do SPD se agrupou como fração dentro do partido socialdemocrata com o nome de Espártaco, em memória ao chefe da rebelião dos escravos romanos.

Um mês depois Rosa Luxemburgo deixa a prisão e redige *A crise na socialdemocracia* que é publicado clandestinamente com o nome de Junius. Indubitavelmente a socialdemocracia estava em crise, mas Luxemburgo continuou sem compreender a necessidade de criar um novo partido. Continuou confiando em poder trabalhar de dentro da socialdemocracia.

Reintegrada à luta revolucionária, os espartaquistas convocou uma manifestação contra a guerra o Primeiro de Maio em Berlim. Foi a primeira demonstração de oposição à guerra. O primeiro passo tinha sido dado, mas durante a celebração da mesma, a polícia deteve Liebknecht. Em meio a um grande escândalo e numerosas lutas, o Parlamento caça seu mandato, para que pudesse ser julgado por um tribunal militar que o condenou a quatro anos de prisão. Suas palavras ante os verdugos merecem serem lembradas: *Nenhum general nunca vestiu o uniforme com tanta honra como eu vou vestir agora o traje de presidiário*. Os revolucionários alemães seguiram dando mostras de coragem e determinação de seguir na luta até o final.

Em 10 de julho volta a ser detida Rosa Luxemburgo e, depois dela, Franz Mehring, velho dirigente da socialdemocracia, amigo de

Marx e Engels. Com eles vão também para a prisão numerosos militantes espartaquistas, ficando o trabalho da fração por conta de León Jogiches, até que foi detido em março de 1918.

Desta vez Luxemburgo não teve julgamento e permaneceu indefinidamente seqüestrada e transferida de uma prisão a outra. Nessa situação lhe chega o eco de Outubro e escreve uma obra *A revolução russa* da que só alguns fragmentos são conservados, publicados anos depois de sua morte. Nela encontramos expostas muitas das idéias que compartilhou com os leninistas e segue atacando aos reformistas que consideraram que a Revolução de Outubro era algo puramente nacional, um fenômeno local exclusivo de Rússia:

O partido de Lenin era o único que compreendeu o mandamento e o dever de um partido genuinamente revolucionário, o único que assegurou o avanço da revolução graças à consigna: todo o poder ao proletariado e aos camponeses.

Desta forma conseguiram resolver, os bolcheviques, a famosa questão da 'maioria do povo' que atormenta como um pesadelo aos socialdemocratas alemães. Discípulos fervorosos do cretinismo parlamentar limitam-se a aplicar à revolução as trivialidades de sua casa berço parlamentar: se se quer conseguir algo, tem que ter primeiro a maioria. O mesmo acontece à revolução: primeiro temos que ser uma 'maioria'. Porém, a verdadeira dialética da revolução inverte o sentido desta banalidade parlamentar: não é a maioria que leva à tática revolucionária, mas as táticas revolucionárias que leva à maioria. Só um partido que sabe dirigir, quer dizer, impulsionar para frente, ganha aos seguidores em seu avanço [...] Os bolcheviques mostraram possuir toda a honra e a capacidade de ação revolucionárias que tem caracterizado a socialdemocracia européia; a rebelião de outubro não foi só uma real salvação da revolução russa, senão foi também, a salvação da honra do socialismo internacional.

Enquanto isso, nas ruas a euforia chauvinista inicial foram deixando passagem à desmoralização, ao descontentamento, às manifestações e às greves. Fruto dessas primeiras lutas espontâneas promulga-se a 20 de outubro uma anistia que permite Liebknecht abandonar a prisão, enquanto Luxemburgo continuou nela, já que não tinha sido julgada nem condenada.

A marinha se amotinou e estalou uma greve geral. Em Kiel

constituiu-se o primeiro conselho de operários e marinheiros da frota de guerra, até que o movimento insurrecional, empurrado pelo entusiasmo da revolução russa, generaliza-se e chega a Berlim. O imperador abdica, o governo demite-se e a socialdemocracia chega ao poder para sufocar a rebelião e lograr que os operários voltem às fábricas. Desde a clandestinidade, Liebknecht se precipita e proclama a República socialista. Algumas prisões são assaltadas; Jogiches é liberado pelos trabalhadores a ponta de baioneta e Luxemburgo também sai da prisão a 8 de novembro.

A ela e seus companheiros restam somente dois meses de vida e o estado de saúde de Luxemburgo tinha agravado preocupantemente, o que não a impediu de incorporar-se à luta: *Eu espero morrer em meu posto, em uma batalha de rua ou em uma prisão*, tinha deixado escrito. Os espartaquistas assaltam três jornais burgueses e em suas rotativas começam a publicar novamente *Bandeira Vermelha* a 18 de novembro, com Luxemburgo como redatora-chefe.

Mas a socialdemocracia logo reuniu os chefes do exército para projetar o esmagamento da insurreição pela força das armas. Não economizaram nenhum meio, desde a guerra psicológica na imprensa burguesa até o armamento dos bandos de mercenários e criminosos. A 6 de dezembro a reação passou à ofensiva: 200 mercenários assaltaram a redação de *Bandeira Vermelha* e as manifestações começaram a ser tiroteadas. O dia seguinte Liebknecht foi detido e quando ia ser assassinado conseguiu escapar de seus captores.

Ainda logrou reunir-se o Conselho de Operários e Soldados a 16 de dezembro, mas em vez de lançar ao assalto do poder, se submeteram às próximas eleições. O contraste com a Revolução de Outubro não podia ser mais chamativo. O que estava fracassando na Alemanha? O que a diferenciava da Rússia? A única diferença estava clara: na Alemanha não existia um partido bolchevique, a vanguarda, e quem deveria construir-lo não tinham compreendido sua necessidade. Este erro conduziu ao fracasso da revolução e a morte de quem tinham cometido tão grave erro.

A fundação do Partido Comunista da Alemanha

Longe de constituir um partido, Espártaco era um conglomerado de comitês locais agrupados ao calor da Revolução de Outubro e em torno da luta contra a guerra imperialista. Não era aquele *Estado Maior* da revolução, essa tropa disciplinada capaz de colocar-se à cabeça do

movimento e o conduzi-lo à vitória. Quando em 1917 Kautsky fundou o Partido Socialdemocrata Independente, Espartaco se uniu a ele como fração com seu próprio programa e sua imprensa. Continuaram a reboque dos reformistas, amarrados a uma organização que também formava parte do governo reacionário burguês.

Quando os espartaquistas exigiram a celebração de um novo Congresso e os líderes socialdemocratas se negaram, agiram por sua conta: convocaram o Congresso e junto com um grupo próximo aos bolcheviques, criaram o KPD, o primeiro Partido Comunista, embora também estivesse muito distante de constituir realmente uma verdadeira organização comunista unida.

Já era 29 de dezembro de 1919, a reação tinha passado à ofensiva e aos dirigentes do novo partido lhes restavam somente alguns dias de vida. Os operários estavam armados, porém não estavam organizados nem treinados para a luta militar. A reação assaltou a imprensa revolucionária e a sede do KPD, enquanto assinalavam aos gritos os chefes da insurreição para justificar sua eliminação, oferecendo uma grande recompensa econômica a quem os assassinasse. Junto com Jogiches detiveram a uma militante a quem confundiram com Rosa Luxemburgo e a ameaçaram claramente de morte. Tanto Luxemburgo quanto Liebknecht foram advertidos do perigo iminente, porém recusaram rotundamente a abandonar e fugir. Liebknecht pronunciou uma palavra que logo ficou famosa: *Trotz alledem!*, Avante apesar de tudo!

Os acontecimentos se precipitavam. A 15 de janeiro foram detidos Karl Liebknecht e Guillermo Pieck e, em seguida, Rosa Luxemburgo. Os três foram transferidos para o hotel Eden de Berlim. Daí, a coronhadas, Liebknecht foi introduzido em um veículo que tomou a estrada para o cárcere de Moabit, parando em um beco escuro e isolado da mesma. Sacaram-lhe quase inconsciente do veículo e lhe atiraram a queima-roupa assassinando-o. Então levaram o cadáver a um centro assistencial onde o deixaram como desconhecido. A imprensa disse que morrera ao tentar fugir.

Rosa Luxemburgo foi tirada do hotel pouco depois e lhe esmagaram o crânio com duas coronhadas. Moribunda, seu corpo foi jogado dentro de um veículo; outro mercenário lhe deu um terceiro golpe na cabeça com seu rifle e um tenente lhe deu o tiro de misericórdia, sendo seu cadáver jogado no Landwehrkanal onde foi encontrado muitas semanas depois. A imprensa disse que tinha sido linchada pela multidão.

Pieck conseguiu fugir e continuou a luta por fundar a República Democrática alemã. Porém Mehring, o veterano dirigente do proletariado alemão, não pôde superar a notícia e morreu. A 10 de março León Jogiches morreu em decorrência dos tiros de um carcereiro *ao tentar fugir*, disse a imprensa reacionária.

O caminho para o nazismo estava aberto. A socialdemocracia tinha criado o precedente e ensinou o método para acabar com a revolução: assassinar os dirigentes do proletariado, prender aos mais rebeldes, torturar e infundir pânico. A casa de Rosa que Luxemburgo foi saqueada pela tropa e seus escritos jogados na fogueira. Quando seu corpo não tinha aparecido, os operários ainda confiavam em seu retorno, em que apareceria viva para insuflar-lhes novos ânimos e orientar-lhes em suas batalhas. Porém somente apareceu seu cadáver horivelmente martirizado.

Luxemburgo, Liebknecht, Jogiches, Mehring... são os nomes mais conhecidos, os que abriram o caminho. Com eles caíram nas ruas milhares de operários insurgentes, fuzilados sem contemplação por mercenários a soldo de uma burguesia ávida de riqueza. Outros muitos inauguraram os primeiros campos de concentração, porém, há uma pintura, muito comum, nos muros dos bairros operários alemães, que é: *Trotz alledem!* Demonstram assim que todo o sangue vertido não caiu em vão e que outros tomaram o lugar na luta por uma sociedade diferente, sem exploração e sem opressão.

A águia do proletariado internacional

Rosa Luxemburgo é a mulher cujo papel na luta e na elaboração teórica do comunismo foi o mais importante dentro da história do movimento operário internacional. Sua extraordinária inteligência, resolução e capacidade - falava onze idiomas - foram razões para que logo destacasse como um dos principais dirigentes da socialdemocracia internacional. Consagrou sua vida à educação internacionalista do proletariado através de artigos da imprensa, conferências, escolas operárias e impressionantes discursos, nos que destacou como uma agitadora brilhante e apaixonada. Seus escritos são uma afiada defesa sem concessões da revolução proletária e da honestidade no compromisso com o proletariado.

Lenin referiu-se a ela como uma *representante destacada do proletariado revolucionário e do marxismo sem falsificações em seu*

artigo, escrito em 1920, Uma contribuição para a história da questão da ditadura. Com grande emoção Lenin escreveu sobre ela: Embora as águias precipitando-se desde as alturas, possam voar mais baixo que as galinhas, estas por mais que batam suas asas, nunca poderão chegar às nuvens. Realmente, nenhum dos numerosos escritos de Rosa Luxemburgo são banais ou superficiais; em todos eles resplandece sua própria personalidade, em todos eles são cunhados sua originalidade e profundidade. Por isso desprendem uma luz diferente e neles sempre se aportam pontos de vistas inovadores, distintos e singulares.

Em sua obra *Sobre algumas questões da história do Bolchevismo*, escrita em 1931, Stalin fez o seguinte balanço da revolução na Alemanha:

Naturalmente os esquerdistas na Alemanha não têm somente em sua prática sérios erros. Há também em sua prática grandes e sérios feitos revolucionários. Refiro-me aos múltiplos méritos e ações revolucionárias nas questões de política interna e, particularmente, da luta eleitoral, nas questões da luta parlamentar e extraparlamentar, da greve geral, da guerra, a revolução de 1905 na Rússia, etc. Precisamente por isto os bolcheviques os tomavam em consideração como esquerdistas e lhes apoiavam, os empurraram à frente. Mas isto não nega, nem pode negar que os socialdemocratas de esquerda da Alemanha tinham, ao mesmo tempo, a contrapartida de múltiplos erros políticos e teóricos graves; que não tinham libertado-se ainda do lastro menchevique e precisavam, por tanto, da crítica mais severa por parte dos bolcheviques.

As divergências entre Rosa Luxemburgo e os bolcheviques podem ser resumidas em quatro seções:

- a concepção do partido comunista como vanguarda e estado maior do proletariado para impulsionar a revolução
- em Rosa Luxemburgo não existe a noção do imperialismo como uma fase superior do capitalismo
- em Rosa Luxemburgo não existe o reconhecimento do direito à autodeterminação das nações oprimidas
- ao contrário dos bolcheviques, o espartaquistas alemães não consideraram o campesinato como força revolucionária.

Clara Zetkin **(1857-1933)**

Nasceu em 5 de julho de 1857 em Wedenau (Saxônia). Era filha de um professor rural. Dos 17 aos 21 anos estudou magistério em Leipzig, onde entrou em contato com um grupo de estudantes russos exilados entre os quais se achava o revolucionário Ossip Zetkin, filiado à socialdemocracia alemã, com quem se casou em 1882.

Em 1880 mudou-se para Áustria e logo se instalou em Zurique, onde no ano seguinte se filiou ao Partido Socialdemocrata alemão.

Em 1882 se instalou em Paris, onde também desenvolveu uma intensa atividade política. Em 1889 trabalhou ativamente na preparação do Congresso de fundação da II internacional com numerosos artigos na imprensa socialista alemã. Serviu ao mesmo como correspondente do órgão de imprensa do Partido e na qualidade de delegada das mulheres socialistas de Berlin, destacando já por sua grande preocupação pela organização do movimento feminino proletário.

Voltou a Alemanha em 1890, como organizadora da seção feminina do Partido e redatora do órgão de imprensa feminina da socialdemocracia alemã. Desde então até o estalar da I Guerra Mundial em 1914, participou em todos os congressos da II Internacional. Em 1893 conheceu Engels no III Congresso, com quem se uniu em uma estreita amizade.

Durante toda sua vida foi uma ativa promotora da incorporação da mulher à luta proletária, realizando importantes investigações históricas sobre o papel da mulher trabalhadora na sociedade capitalista. Sempre foi uma valente propulsora dos direitos da mulher dentro e fora do movimento operário. Esta grande revolucionária se colocou uma grande tarefa: organizar o movimento feminino socialdemocrata. As condições para alcançar este objetivo eram realmente difíceis: não se reconhecia o direito de voto à mulher e se proibia sua adesão e participação em organizações e assembléias políticas. Em 1896, no Congresso de Gotha, desenvolve seu primeiro informe importante sobre a questão feminina, sentando as bases

do trabalho neste setor. Neste Congresso coloca da seguinte maneira:

A luta de emancipação da mulher proletária não pode ser uma luta similar à que desenvolve a mulher burguesa contra o homem de sua classe; pelo contrário, a sua é uma luta que vai unida à do homem de sua classe contra a classe dos capitalistas [...] O objetivo final de sua luta não é a livre concorrência com o homem, senão a conquista do poder político por parte do proletariado. A mulher proletária combate ombro a ombro com o homem de sua classe contra a sociedade capitalista [...] Quais são as conclusões práticas para levar nossa agitação entre as mulheres? [...] O princípio-guia deve ser o seguinte: nenhuma agitação especificamente feminista, senão agitação socialista entre as mulheres. Não devemos por em primeiro plano os interesses mais mesquinhos do mundo da mulher: nossa tarefa é a conquista da mulher proletária para a luta de classes. Nossa agitação entre as mulheres não inclui tarefas especiais. As reformas que se devem conseguir para as mulheres no seio do sistema social existente já estão incluídas no programa mínimo de nosso partido.

Na conclusão de seu informe ao congresso assinalou:

A inclusão das grandes massas de mulheres proletárias na luta de libertação do proletariado é uma das premissas necessárias para a vitória das idéias socialistas, para a construção da sociedade socialista.

Somente a sociedade socialista poderá resolver o conflito provocado em nossos dias pela atividade profissional da mulher. Se a família enquanto unidade econômica desaparece e em seu lugar se forma a família como unidade moral, a mulher será capaz de promover sua própria individualidade na qualidade de companheira ao lado do homem, com iguais direitos jurídicos, profissionais e reivindicativos e com o tempo, poderá assumir plenamente sua missão de esposa e de mãe.

Em 1907 impulsiona a primeira conferência internacional de mulheres, e em 1910, durante a conferência de mulheres socialistas celebrada em Copenhague, propõem a resolução que converteu ao 8 de março no dia internacional da mulher, homenageando assim às 129 trabalhadoras da fábrica Sirtwood Cotton de Nova Iorque, que, encerraram-se em seu lugar de trabalho para reivindicar um salário digno e a redução da jornada de trabalho para 10 horas, morreram carbonizadas no interior do recinto por um incêndio provocado pelo patrão em resposta a esta pacífica greve.

Porém, como grande revolucionária, Zetkin participa também ativamente na vida política do Partido Socialdemocrata alemão,

destacando como uma das principais protagonistas da luta contra o crescente reformismo em seu seio. Abandonou o jornal feminino em 1917 por não seguir a *linha política do partido*, então dirigido pelos revisionistas seguidores de Bernstein, representante da ala oportunista da socialdemocracia alemã.

O reformismo tinha aninhado no Partido Socialdemocrata alemão nos anos anteriores à I Guerra Mundial e nos escritos de Zetkin notáveis testemunhos da luta contra esta corrente, primeiro tentando fazer a ala reformista do Partido compreender seus erros, e posteriormente, combatendo-os até a morte.

Desenvolveu uma importante atividade contra a guerra imperialista, trabalhando incansavelmente durante este período em uma campanha antimilitarista e antiimperialista. Em 1912, diante a iminente ameaça da guerra, no congresso da II Internacional celebrado em Basilea, pronunciou um apaixonado discurso sobre a ameaça da guerra e pela mobilização do proletariado contra a mesma. Em 1915 organiza na suíça uma conferência internacional das mulheres socialistas contra a guerra imperialista.

A partir de 1917 rompe com a camarilha revisionista e trabalha junto com Rosa Luxemburgo na luta antiimperialista, se une aos espartaquistas e é presa em numerosas ocasiões. Em 1918 é membro do primeiro Comitê Central do Partido Comunista e, no ano seguinte, intervém na fundação da Internacional Comunista. Desde então sua atividade se funde com a do Partido Comunista da Alemanha e a da Internacional. A partir de 1921 tomou parte do Comitê Executivo e do Presidium da Internacional Comunista e manteve estreitos contatos com Lenin, com quem debate suas idéias a respeito da questão feminina e do movimento operário internacional.

Representou como deputada do Partido Comunista da Alemanha no Reichstag (o parlamento alemão) desde 1920 até 1932, aproveitando sua última intervenção parlamentar para fazer um chamamento à unidade antifascista para freiar os nazistas.

Em 1920 foi eleita presidente do movimento internacional de mulheres socialista.

Em 1924, junto com Elena Stassova e Tina Modotti, fundou e dirigiu o socorro vermelho internacional, organização solidária de assistência às vítimas da reação e do fascismo.

Por sua experiência, em 1932 foi nomeada presidenta do parlamento alemão, ultimo antes da chegada dos nazistas ao poder no ano seguinte.

Quando isto se sucedeu, se exilou na união soviética e faleceu em um hospital perto de Moscou em 20 de junho de 1933, com a idade de 76 anos, enferma e praticamente cega. Em uma solene cerimônia na que tomaram parte centenas de milhares de moscovitas e numerosos delegados do movimento operário internacional, a urna com os restos desta grande comunista ficou depositada na muralha do Kremlin.

Nadezhda Konstantinovna Krupskaya (1869 - 1939)

Revolucionária, pedagoga, após o triunfo da revolução socialista de 1917 foi coordenadora do Glavpolitprosvet (o Comitê Principal para Educação Política) e delegada coordenadora no Comissariado para a Instrução Pública, militante bolchevique e membro do Comitê Central do Partido Comunista da Rússia (b) (1927 - 1939), esposa e camarada de Vladimir Ilich Lenin.

Krupskaya, filha de um oficial militar, nasceu em São Petersburgo no dia 16 de fevereiro de 1869, desenvolveu cedo um vivo interesse em educação, especialmente de adultos. Começando nos anos de 1890 a ensinar trabalhadores a noite, nas escolas de educação de adultos. Em 1894 nos círculos marxistas conheceu Vladimir Ilich Ulyanov (Lenin). Quando em decorrência de suas atividades revolucionárias, ela e Lenin são presos em 1895 e 1896, vai com Lenin para a Sibéria. Quando no exílio, Krupskaya escreveu o seu trabalho mais famoso, *O Trabalho da Mulher* (primeiro publicado em 1901 e 1905). Nele ela expôs os problemas enfrentados pelas mulheres como trabalhadoras e mães.

De 1901 a 1917 Krupskaya compartilhou com Lenin a vida em exílio no estrangeiro, enquanto o ajudava a enviar suas correspondências, traduzindo livros e a construir a organização do Partido. Ela trabalhou no quadro editorial dos jornais *Rabotnitsa*, *Iskra*, *Proletary*, e *Sotsial-Demokrat*. Começou a escrever também sobre as teorias da progressista educação americana e européia, especialmente de John Dewey. Nos anos de 1920 estas idéias sobre educação tiveram algum impacto nas Escolas Soviéticas, entretanto elas foram mudadas nos anos de 1930.

Depois das 1917 ela encabeçou juntamente com Anatoli Lunacharsky o recentemente criado Departamento Extra-Curricular do Comissariado de Educação que foi substituído posteriormente pelo Comitê Principal em Educação Política (*Glavpolitprosvet*). Ela também

otdel (a seção das mulheres do Partido), editando o
a, mas nunca coordenando esta seção.

Lenin piorara depois de ser baleado por Fânia Kaplan no
1918. Duas balas atingiram seu corpo em locais muito
m retiradas. Posteriormente Lenin sofreu um derrame
um segundo em dezembro de 1922 e logo em seguida
eabilitou totalmente. Em todo este período Krupskaya
servindo de enfermeira e secretária. Neste período
Josef Stalin que fora designado pelo Comitê Central
cuidados de saúde de Lenin. Quando Lenin morreu
1924, Krupskaya achou-se isolada e crescentemente
a Oposição em Leningrado conduzida por Grigory
Zinoviev. Porém antes do outono de 1926, ela tinha saído
1927 a 1939 serviu como quadro do Comitê Central
processos de Moscou pronunciou-se indignada sobre os
Stalin em que este confessou, entre outros crimes, ter
conspiração para prender e depor Lenin, Stalin e Sverdlov,
do poder soviético.

anos ao lado do grande Lenin e muito mais servindo
em 27 de fevereiro de 1939, em seu funeral foi
ela por Stalin.

Alexandra M. Kolontai (1872 – 1952)

Alexandra Kolontai era a filha única da família Domontovitch, seu sobrenome de solteira, pertencia à nobreza latifundiária. Seu pai era um general do exército imperial de origem ucraniana e sua mãe, casada em segundo casamento, era de origem finlandesa e camponesa.

Sua infância e juventude transcorreram entre Petrogrado e Finlândia, então uma região pertencente ao império czarista. Seus pais não a enviaram à escola para evitar *as más companhias*, tendo aulas particulares, especialmente sob a direção de Vitor Ostrogorski, historiador da literatura russa, quem a animou a escrever na imprensa.

Para emancipar-se de sua família, se casou muito jovem com um primo, o engenheiro Kolontai, de quem tomou o sobrenome, teve um filho e se separou três anos depois.

Em 1890 começou a colaborar com associações de difusão cultural que serviam de instrumento para atividades clandestinas para instruir e organizar aos trabalhadores. Dá aulas em escolas noturnas para operários e também participa nos debates intelectuais que tem lugar na oposição liberal. Numa delas, concretamente na da família de Elena Stassova, conhece a existência de uma corrente que pretende revisar o marxismo e que na Rússia tem como representantes os chamados *marxistas legais*, uma variedade nascente do revisionismo cujo objetivo era a *modernização* da Rússia como etapa prévia necessário ao socialismo. Porém os cantos de sereia do reformismo não a seduzem.

A convivência com as 12.000 operárias têxteis da fábrica Kremgolskaia, em Nerva, impressionou-a profundamente. A greve de 36.000 operários têxteis de Petrogrado em 1896 consolidou definitivamente suas idéias políticas revolucionárias. Junto com Elena Stassova e muitas outras militantes que trabalhavam à margem do Partido, organizou coletas para sustentar economicamente aos grevistas.

Ainda não conhecia o marxismo e sua simpatia estava próxima ao

populismo e a luta armada. Depois da experiência na fábrica Kremgolskaia começou a estudar o marxismo para consolidar sua formação ideológica.

No primeiro momento tentou abrir caminho como escritora. Escreveu um romance que enviou a Vladimir Korolenko, o escritor populista que ajudava aos jovens escritores. Korolenko lhe contestou que era um romance ruim, porém que devia continuar em seu empenho. Mudou da ficção para o ensaio. Em 1898 escreveu seu primeiro estudo sobre psicologia da educação, titulado *Bases da educação segundo Dobroliubov* que publicou na revista *Obrazovanie* que então tinha um caráter pedagógico antes de transformar-se, sob a direção de A. Yu. Ostrogorski, em um dos órgãos legais dos marxistas russos.

Em busca de uma formação ideológica mais sólida, nesse mesmo ano saiu para Zurique a fim de estudar ciências econômicas e sociais sob a direção de Herkner, um teórico socialdemocrata. Na Alemanha conheceu Clara Zetkin cujo pensamento feminista lhe influiu poderosamente.

Naquele mesmo ano se produziu na socialdemocracia alemã a aparição do revisionismo de Bernstein, ao qual se aderiu Herkner. Porém não foi este o caminho adotado por Kolontai, que se aliou com as posições então revolucionárias de Kautsky e Luxemburgo, segundo contou ela mesma em suas memórias: *Entusiasmei-me com Kautsky, dirá, devorando a revista Die Neue Zeit, editada por ele, e com os artigos de Rosa Luxemburgo. Interessou-me particularmente o livrinho desta Reforma ou revolução, onde refutava a idéia integracionista de Bernstein.*

Em 1899 Herkner a envia a Inglaterra para estudar o movimento operário inglês e lhe põem em contato com Sydney e Beatrice Webb a fim de a dissuadir de suas posições revolucionárias e que se aderisse ao revisionismo. Porém Kolontai havia entrado em contato com as organizações marxistas revolucionárias. Regressa a Rússia e escreve artigos contra o revisionismo na revista *Nauchnoie Obozrenie* e se incorpora à luta clandestina contra o czarismo. Organiza círculos operários na Finlândia, redige panfletos, distribui a imprensa ilegal e escreve também sobre a luta de libertação nacional daquele povo em revistas econômicas alemãs. Também escreve uma de suas obras mais importantes a *Vida dos operários finlandeses*.

Em 1901 sai de novo ao estrangeiro e colabora estreitamente com Kautsky e Luxemburgo na Alemanha, com Plekhanov em Genebra e com Paul Lafargue na França. Em 1903 publicou seu livro *As condições de vida dos operários finlandeses*. Naquele mesmo ano a socialdemocracia

russa se divide entre mencheviques e bolcheviques, Kolontai simpatiza com os bolcheviques, porém sua estreita relação pessoal com Plekhanov lhe impede de romper definitivamente com os mencheviques, pelo que se oferece a ambos como agitadora.

O início da Revolução de 1905 a surpreendeu nas ruas e o testemunho do impressionante massacre dos operários nas mãos da polícia czarista:

Dirigia-me com os manifestantes até o Palácio de Inverno — recorda — e a imagem do massacre cruel dos operários desarmados se gravou para sempre em minha memória, um dia de janeiro extraordinariamente ensolarado, os rostos confiantes na espera, o sinal fatídico das tropas estendidas em torno do Palácio... mares de sangue sobre a neve branca, os chicotes de couro, os gritos, os policiais, os mortos, os feridos... as crianças baleadas. O comitê do partido desconfiava desta manifestação de 9 de janeiro. Grande número de camaradas, nas reuniões operárias convocadas para organizá-la, trataram de convencer os operários de não participar nesta manifestação que lhes parecia não ser mais que uma provocação, uma armadilha. Quanto a mim, pensava que tinha que participar. Está manifestação demonstrava a determinação da classe operária, era uma escola de atividade revolucionária. Eu então era uma apaixonada das decisões do Congresso de Amsterdam sobre as ações de massas.

Depois das jornadas de janeiro a atividade revolucionária adquiriu mais força e energia. Os bolcheviques de Petrogrado começaram a editar seu diário clandestino no que Kolontai colaborava não somente na qualidade de jornalista senão também na técnica de edição. Esforçava-se em promover a unidade de ação dos socialdemocratas russos e finlandeses.

Foi uma das primeiras mulheres em promover a organização das mulheres operárias dentro do Partido, organizando reuniões específicas para elas. A partir de 1906 defendeu a idéia de que uma organização das operárias não devia ser independente, porém que devia criar-se uma comissão na direção do partido para defender e representar os interesses da mulher trabalhadora.

Naquele ano separou dos bolcheviques porque se declarou contrária a participação nas eleições da Duma e desde então até 1915 se incorporou aos mencheviques.

Em 1908 publicou outro livro, *Finlândia e o socialismo* que da boa prova da capacidade de análise e de investigação de Kolontai.

Porém nesse mesmo ano tem que fugir outra vez da Rússia porque se abre dois processos, um por organizar as operárias têxteis e outro por realizar um chamamento à insurreição. Permanecerá no exílio até a revolução de fevereiro de 1917. Instala-se na Alemanha, afiliando-se ao partido socialdemocrata alemão e logo ao partido belga. Trabalha como agitadora, escritora e propagandista na França, Inglaterra, Suíça, Bélgica, Itália, Dinamarca, Noruega e Estado Unidos, onde permanece nos anos de 1915 e 1916.

Em 1914, ao começar a guerra imperialista adotou uma posição revolucionária internacionalista. Escreveu um folheto de título *A quem serve a guerra?* Que teve uma grande acolhida e no qual denunciava os interesses imperialistas e o patriotismo burguês como principais responsáveis da feroz contenda. Participa na II Conferência Internacional das Mulheres socialistas e na famosa Conferência de Zimmerwald.

Foi presa na Alemanha, expulsa para a Suécia e presa novamente por propaganda antimilitarista. Sua postura internacionalista lhe leva a romper em 1915 com os mencheviques, voltando a incorporar-se ao Partido Bolchevique onde, por encargo de Lenin, colabora em agrupar às corrente antiimperialistas da socialdemocracia internacional nos países escandinavos e nos Estados Unidos.

A Revolução de fevereiro de 1917 lhe permite regressar de novo a Rússia, onde é a primeira mulher eleita para o comitê executivo dos soviets de Petrogrado e desenvolve seu trabalho revolucionário entre os marinheiros da tropa do báltico e dos soldados da guarnição da capital.

Nas jornadas de julho daquele ano foi detida e presa junto com outros dirigentes bolcheviques pelo governo provisório burguês de Kerenski. Estando presa, o VI Congresso do Partido Bolchevique, celebrado em 1917, a elegeu membro do Comitê Central. Foi libertada pouco antes da Revolução de Outubro por exigência do soviete de Petrogrado.

No momento de preparar a Revolução de Outubro se pronunciou a favor da tomada do poder. Nas eleições à Assembléia Constituinte, ocupou o terceiro posto dentro da candidatura bolchevique.

Depois da Revolução ocupou o posto superior de Comissária do Povo para Previdência Social, encarregada da assistência pública e a Segurança Social no primeiro governo revolucionário. Era a primeira vez na história que uma mulher era nomeada para um cargo de primeiro escalão em um governo. Fez-se mundialmente conhecida a sua causa, porém os velhos funcionários czaristas, hostis à revolução e ser dirigidos

por uma mulher, a receberam com uma greve.

Desde seu posto promoveu mais medidas avançadas do que qualquer governo capitalista tem sido capaz de alcançar: firmou a supressão dos cultos, a divisão das terras dos mosteiros aos camponeses, redigiu os primeiros decretos de assistência maternal e proteção à infância, habilitou infinidade de restaurantes públicos e criou as primeiras creches públicas. Também era a primeira vez na história que um governo se preocupava com esse tipo de problema dos trabalhadores. Em pouquíssimos dias a revolução adotou numerosas medidas sociais que pouco antes pareciam impossíveis. Facilitou-se o direito ao aborto e desapareceu o conceito de filho ilegítimo. O matrimônio e o divórcio se reduziram a um trâmite sem complicações. No terreno econômico se aboliram as travas que impediam o acesso da mulher ao trabalho e à administração.

Com a Revolução de 1917 a mulher russa alcançou sua maioria total e legalmente. Podia participar em todos os setores da vida pública em igualdade de condições com os homens e estas enormes possibilidades iam acompanhadas pelo exemplo que constituíam mulheres que como Kolontai e outras bolcheviques que adiantavam as características de um tipo de mulher do futuro. A situação de igualdade recente adquirida pelas mulheres russas as situava em uma posição vantajosa em relação com as mulheres do resto da Europa. Efetivamente, os países da Europa burguesa apenas começariam a reconhecer o direito de voto às mulheres entre os anos 20 e 30. A própria Alexandra fez em 1921 o seguinte balanço dos primeiros tempos do poder soviético: *durante os três anos de revolução, nos quais se derrubaram os pilares fundamentais da sociedade burguesa e se tentava tenazmente erguer com a maior rapidez possível as bases para a sociedade comunista, reinava uma atmosfera na que as tradições passadas se extinguíam com rapidez incrível. Em seu lugar brotavam ante nossos olhos formas totalmente novas de sociedade humana. A família burguesa já não era indispensável. A mulher por causa do trabalho geral obrigatório para a comunidade e nesta se encontrava com formas de vida totalmente originais. Achava-se obrigada a estar presente no trabalho não somente exclusivamente para sua própria família, senão também para a coletividade; surgiram novas condições de vida e também novos tipos de matrimônio.*

Em 1919 mudou-se para o comissariado do povo de Propaganda e Agitação da República da Criméia.

A partir de 1920 foi responsável pela organização de mulheres do

Partido bolchevique, encarregada do trabalho político entre as operárias.

Nos anos de 1920 e 1921, durante a discussão acerca dos sindicatos, Kolontai participou ativamente na fração antipartido denominada *oposição operária*, que começou a atuar pela primeira vez com este nome em setembro de 1920 na IX Conferência do Partido Bolchevique. Suas teses eram de tipo anarcosindicalistas e preconizava que a direção da economia passara aos sindicatos, aos que reputavam como uma forma superior de organização da classe operária, contrapondo-os ao Estado e ao Partido. O X Congresso criticou estas posturas e a maioria dos membros da fração entre eles Kolontai, abandonaram a posição.

Por isso, a obra mais divulgada de Kolontai nos países capitalistas é precisamente *A oposição operária*, nos que expõem seus errôneos pontos de vistas sobre a questão sindical.

De 1921 a 1922 foi responsável do Secretariado Feminino Internacional adjunto à Internacional Comunista.

Desde 1923 ocupou cargos de responsabilidade no corpo diplomático. Foi a primeira mulher embaixadora da história. Primeiro foi representante comercial plenipotenciária da URSS na Noruega, depois adido ao corpo diplomático em qualidade de encarregada de negócios em maio de 1924 e finalmente, ministra plenipotenciária e enviada extraordinariamente da URSS na Noruega em agosto de 1924. De 1926 a 1927 dirigiu a embaixada da URSS no México, porém por causa de problemas cardíacos, voltou a seu posto na embaixada da Noruega até 1930, onde conseguiu que o renegado Trotski fosse expulso daquele país. Entre estes anos e 1945 foi embaixadora na Suécia e desempenhou um papel ativo na preparação do Tratado de Paz com a Finlândia pelo que foi candidata para o Nobel da Paz em 1943.

Em 1945 regressou a Moscou, onde viveu retirada e faleceu a 9 de março de 1952.

Alexandra Kolontai foi uma das figuras mais destacadas do movimento operário internacional, no que interveio ativamente como revolucionária profissional, integralmente dedicada às tarefas do Partido. Seus aportes teóricos, especialmente no relativo ao papel da mulher proletária, são muito notáveis sobre tudo se levarmos em conta que naquela época existiam notáveis reticências, sobretudo relativo a sexualidade. Ela se adiantou a sua época e, uma vez mais, demonstrou que os comunistas sempre estamos à vanguarda.

A bolchevique apaixonada

Defensora ativa do ideal e da realidade comunista, Kolontai pôs toda sua atuação a serviço do mesmo. *A bolchevique apaixonada* não é uma mais um romance. Ela mesma expôs da seguinte forma qual foi seu propósito:

Este romance não é um estudo 'ético' nem um quadro da vida na Rússia soviética. É puramente um estudo psicológico das relações sexuais do período do pós-guerra.

Escolhi meu próprio país como meio e meus compatriotas como protagonistas porque os conheço melhor e posso dar um quadro mais vivo de seu interior e de suas características.

Muitos dos problemas que apresento no meu livro não são exclusivos da Rússia soviética. São fatos que se dão em todos os países. Os dramas psicológicos silenciosos originados pelas mudanças ocorridas nas relações sexuais; a evolução que tem acontecido, especialmente nos sentimentos da mulher, são fatos bem experimentados pela jovem geração européia.

Julgamos um homem pela sua conduta em suas relações amorosas?

Geralmente, este não passa de certos limites, muito flexíveis. dizemos que a vida sexual do homem é um 'assunto privado'. O caráter de um homem se valoriza, não pela sua conduta na moral familiar, senão pela sua habilidade para o trabalho, por sua vontade ou pela utilidade que reporta ao Estado ou à sociedade. Como a maioria das mulheres não tem deveres diretos com respeito ao Estado ou à sociedade; como em geral toda sua atividade tem estado concentrada até agora dentro dos limites do lar, as nações civilizadas não exigiam à mulher outras qualidades que as 'éticas' com respeito à vida sexual e familiar.

Porém agora que mais da metade das mulheres da maior parte dos países trabalham e lutam igualmente aos homens, a sociedade exige novas qualidades à mulher. A habilidade da mulher para responder a seus deveres sociais como cidadã começa a ter mais valor que sua 'bondade' e a 'pureza imaculada' da moral do lar. A vida de família não é o único campo de atividade da mulher de nosso tempo. Muitas vezes, seus deveres cidadãos se contrapõem em amargo conflito com seu trabalho fora do lar e seus deveres cidadãos.

Ainda que uma mulher possa conseguir em nossa época atual a

‘perfeição’ a que aspira o ideal da moral familiar e chegue a ser ‘estimada’ pelos seus, pode muito bem não merecer o apreço real da sociedade nem o ‘respeito’ do Estado. Sua existência não terá nenhum valor social. Pelo contrário, uma mulher pode não estar ‘sem mancha’ desde o ponto de vista corrente da moral sexual burguesa; porém se logrou adquirir uma personalidade destacada na política, arte, ciência, etc., ninguém murmurará a suas costas. Posta na balança duas mulheres: uma de ‘moral boa’, porém que nunca realizou nenhum trabalho de utilidade para seu país ou a Humanidade, e outra cuja ‘moral familiar’ não está livre de crítica, porém que tem realizado um trabalho social de proveito, a escolha não seria duvidosa.

Nosso critério com respeito à moral das relações sexuais muda continuamente. Este não é sempre o mesmo. Há simplesmente alguns períodos na história da Humanidade nos que a evolução das idéias morais marcha mais rapidamente que em outros períodos em que uma mudança parece impossível. Faz apenas meio século, Dumas (filho) escrevia de uma mulher divorciada como de uma criatura ‘caída’. Hoje na França discute abertamente a questão da igualdade dos direitos da mãe natural como da mulher legalmente casada. Cada dia desaparece mais e mais a velha hipocrisia burguesa na maneira de pensar e julgar a moral das relações sexuais.

Minha intenção ao escrever este livro é que sirva, ainda que seja pouco, para combater a velha hipocrisia burguesa dos valores morais e para demonstrar uma vez mais que começamos a respeitar à mulher, não por sua ‘boa moral’, senão por sua atuação, por sua sinceridade, com respeito aos deveres de sua classe, de seu país e da Humanidade em geral.

Cremos que as palavras anteriormente, escritas em 1927 por Kolontai, são bastante expressivas sobre os fins que a autora tem-se proposto a escrever este romance. Não estimamos necessário agregar nada por nossa conta. Através de Vassilissa, comunista de grande retidão moral, e Volodya, anarquista a quem a Revolução não corrigiu seu individualismo, conhecerá o leitor um aspecto das relações amorosas sexuais e políticas na Europa no período da revolução soviética.

Edições Seara Vermelha